



## **PODER PÚBLICO E RESSIGNIFICAÇÃO: MADUREIRA COMO METONÍMIA DE SUBÚRBIO**

**PABLO DE OLIVEIRA CARNEIRO<sup>1</sup>**

**Resumo:** Diante da hospedagem de grandes eventos internacionais como a Rio+20, Copa do Mundo 2014 e os Jogos Olímpicos 2016 a Prefeitura do Rio de Janeiro organizou inúmeras intervenções no seu espaço urbano. Observamos no meio dessas reformas uma concentração de ações no bairro de Madureira, área afastada do centro da cidade e para a qual acabaram sendo atraída muita atenção pelo poder público. Estudamos aqui, portanto, como intervenções públicas focalizadas no bairro podem buscar reorganizar a ideologia espacial local, buscando valorizar o bairro e colocando-o como uma metonímia geográfica de subúrbio dentro da cidade do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Ideologias espaciais; Metonímias geográficas; Paisagem.

**Abstract:** Facing the hosting of major international events such as Rio+20, 2014 World Cup and the 2016 Olympic Games, the City of Rio de Janeiro organized numerous interventions in its urban space. We observed in the middle of these reforms a centralization of actions in the neighborhood of Madureira, an area far from the city center and in which public power drawn to much attention. We are studying here, therefore, how public interventions focused on the neighborhood can seek to reorganize the local space ideology, seeking to value the neighborhood and placing it as a geographical metonymy of suburb within the city of Rio de Janeiro.

**Key-words:** Spatial ideologies; Geographical metonymies; Landscape.

### **1 – Introdução**

As grandes intervenções urbanas da última gestão da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro instalaram um momento de extensa modificação de elementos centrais na vida do carioca, tanto no mobiliário urbano, quanto no seu conjunto de significados. É um processo de ressignificação no qual signos podem ser revalorizados ou marginalizados. Assim a seleção, dentro das políticas públicas, de velhos e novos elementos como símbolos da identidade da cidade passa por um momento importante de redefinição, transformando a paisagem da cidade.

Dentro dessa dinâmica encontramos Madureira, bairro que nunca esteve no circuito turístico da cidade, ainda que há muito uma peça importante para o comércio e serviços na cidade. Na administração municipal de Eduardo Paes (2009-2016) o bairro esteve no centro de intervenções públicas de grande magnitude, onde podemos observar uma dupla tendência de modernização e preservação para ressignificar seus espaços. As duas tendências, aparentemente opostas, aparecem pelas ações da

---

<sup>1</sup> - Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail de contato: pocarneiro@gmail.com



Prefeitura como um esforço único de valorização do bairro e de desenvolvimento econômico. Cumprem, portanto, um papel de transformar a forma como os habitantes da cidade e do bairro o observam e interpretam seus símbolos dentro da hierarquia da cidade. Nesse sentido funcionam como dispositivos para influenciar anseios e comportamentos, ou como buscamos mostrar nesse trabalho, podem transformar os referenciais ideológicos do bairro e assim recompor uma ideologia espacial pela qual o bairro é inserido dentro da paisagem da cidade.

O objetivo desse trabalho, longe de procurar concluir a discussão, foi apresentar elementos básicos para podermos analisar as intervenções municipais e consequentes transformações simbólicas que acontecem no bairro de Madureira. A interpretação é que a concentração de intervenções públicas no bairro por parte de um governo específico foi um esforço deliberado de alçar o bairro ao nível de metonímica carioca de subúrbio. Para tanto é preciso discutir a construção de ideologias geográficas, a formação de discursos e narrativas que serão impressos ao espaço por meio da paisagem, bem como discutir a formação de metonímias.

## **2 – Ideologia espaciais e a criação de significados**

Uma das influências que motiva este trabalho é a tese de Nelson da Nóbrega Fernandes intitulada *O rapto ideológico da categoria de subúrbio*. A partir de sua pesquisa Fernandes (2011) defende que o conceito de subúrbio sofre uma corrupção na cidade do Rio de Janeiro, fruto da estratégia ideológica de um poder dominante de marginalizar certos espaços em detrimento da valorização de outros. Nessa perspectiva o “conceito de subúrbio carioca” é uma construção ideológica não somente do meio acadêmico, mas tem base no uso cotidiano pela população. Entretanto, é possível discordar quanto ao que interpretamos ser uma ideologia.

Fernandes (2011) compartilha da corrente que considera ideologia enquanto um discurso corrompido de poder, isto é, como um discurso criado por um poder hegemônico que omite ou distorce a realidade em favor de seus interesses. Tal abordagem é identificada como parte da abordagem marxista ou do materialismo histórico-dialético e durante muito tempo representou e ainda representa grande parte dos trabalhos já realizados sobre o tema. Essa interpretação definiu a base para os estudos marxistas que então se empenhavam em desvelar as bases das narrativas ilusórias criadas pelas camadas dominantes da sociedade para justificar seu poder



(VINCENT, 1995). Antes de seguir a discussão é preciso questionar algumas bases dessa ideologia marxista para avançar dentro do próprio conceito.

Segundo José Carlos Bruni (*apud* MORAES, 2005) a tradição marxista do estudo de ideologia pode ser dividida em duas abordagens, uma que a interpreta como “produção da ilusão” e outra que na qual esta é “uma visão de mundo”. Na primeira mantém-se não somente a perspectiva da corrupção do discurso, como se entende também que a construção desse discurso é uma prerrogativa das classes dominantes, fazendo da ciência um campo de disputa entre “falsa ideologia” e “ciência crítica marxista”. Na segunda perspectiva a ideologia é sobretudo uma construção histórica, e um discurso que pode ser ilusório ou não. Dessa forma a ciência marxista procura não somente as raízes de um discurso ideológico como seria possível também às classes dominadas ou aos cientistas e militantes marxistas criar suas próprias representações ideológicas como contra-ideologias dominantes.

Vincent (1995) da mesma forma apresenta também uma visão bem parecida no pensamento marxista, destacando Lênin como porta-voz da criação de uma “ideologia socialista” como arma retórica na luta do marxismo, depois dele Gramsci também vai incentivar a mesma construção, não somente como discurso, mas na internalização de valores e formas de pensar antiburguesas. Moraes (2005) interpreta essa separação como uma primeira corrente de visão estruturalista, preocupada com a identificação de padrões e análise sistêmica, e sua posterior transformação com uma visão historicista, preocupada com a influência da cultura na construção desses discursos, e observar a participação de diferentes sujeitos.

Podemos perceber portanto, que dentro do próprio pensamento marxista o monopólio da construção de ideologias e, portanto, o monopólio do poder pela classe dominantes, passam a ser questionados. Conceber a ideologia como esse conjunto de elementos retóricos que pode ser construído não somente pela classe dominante, mas também por setores dominados ou demais setores organizados da sociedade é um elemento chave para observar que há uma competição ou interseção entre discursos. Para tanto precisamos sair da dicotomia mais purista do marxismo da divisão da sociedade entre dominantes e dominados, e considerarmos ou a fragmentação dessas classes ou uma divisão social mais complexa, na qual os atores sociais se organizam de forma mais livre. Assim passamos a poder considerar a criação de múltiplas ideologias, não somente a dicotomia da ideologia burguesa em oposição à ideologia marxista/socialista. Esta polissemia de ideologias, que ora



podem ser conflitantes, ora semelhantes funda um universo de conflito muito maior entre várias representações.

Além da limitação que a visão marxista de divisão de classes imprime na dimensão política da ideologia, é possível criticar também sua superinstrumentalização e conseqüente perda de autonomia. Isto é, a ideologia dentro da perspectiva marxista tem sido considerada como determinada pela infraestrutura, definida pela conjuntura macroeconômica (BERDOULAY, 1985). Funcionaria assim como um objeto criado pela classe dominante como um simples dispositivo de poder para subordinar as demais classes.

Não podemos nos cegar na intencionalidade da ideologia, considerando-as todas como objetos estritamente construídos por um poder obscuro. Ao contrário, seria possível também se desenvolverem ou da não-intencionalidade ou desviando-se da sua função original, ou seja, não haveria uma determinação absoluta. Assim Berdoulay (1985) procura reconhecer uma autonomia para a ideologia, porque à medida que ela é fruto da sociedade esta age também sobre a sociedade, e nessa inter-relação transforma a si mesma, modificando os significados que expressa. Essa autonomia atribui às ideologias outra característica fundamental que lhe é negada dentro das abordagens marxista.

Segundo Berdoulay (1985) quando a ideologia é tratada como uma distorção da realidade ela se torna algo exterior à realidade da sociedade que a criou, sendo vista como uma representação obrigatoriamente parcial desta realidade. Ao contrário, o autor defende que esta deve ser encarada por inteiro, não só uma representação, mas também como prática, não sendo possível separar a natureza do sujeito. A construção prática da ideologia se confunde com a experiência cotidiana do sujeito, ou seja, não é possível separar aquilo que é elaborado conscientemente daquilo que é inconsciente ou subjetivo (BERDOULAY, 1985). Assim podemos entender que a ideologia é não somente intencional, portanto manipulável, como também é não-intencional, assim independe do homem, adquirindo em relação à esse autonomia própria. Essa autonomia da ideologia é o que garantiria a ela agir sobre os sujeitos sem, obrigatoriamente, estar a mando de um interesse intencional superior.

Um ponto de convergência que nos aparece é sobre a influência que as ideologias exercem nas formas de agir e pensar dos indivíduos, dos grupos sociais. Para Berdoulay (1985) elas orientam objetivos e ações humanas, funcionando como guias para escolher o caminho a se seguir no futuro. De maneira mais direta Vincent



coloca que “ideologias são corpos de conceitos, valores e símbolos que (...) apontam o que é possível ou impossível aos homens realizar(...); valores que os homens deveriam aspirar ou a que devem rejeitar; (...).”(1995, p. 28).

Em certa medida essa perspectiva aparece já na abordagem marxista, entretanto as prerrogativas e preceitos são entendidos como frutos exclusivos de uma intencionalidade. Em outro texto, Berdoulay (2012) coloca que esse conjunto de valores que orienta os indivíduos é composto por séries de referenciais ideológicos e que, por mais que indiquem um caminho, podem ser até contraditórios uns com os outros. Isso permite para o indivíduo uma escolha em seguir um referencial ou outro, de acordo com a situação que este se encontra, mas aponta também para uma não-intencionalidade e não-racionalidade da ideologia. É preciso avaliar também, tal como chama atenção o autor, que considerar esses referenciais nos leva a perceber como a ação individual possui certa autonomia quanto à ação coletiva. Isto é, o indivíduo ainda que se guie dentro dos mesmos preceitos ideológicos e, como colocou Vincent (1995), se identifique a um grupo justamente por esses preceitos, ele possui uma liberdade de ação quanto à esse grupo.

Em suma, a ideologia, por meio dos seus referenciais ideológicos influencia a forma como o homem interpreta suas relações sociais e, como consequência, é responsável também pelas ações que este realiza. Essas ações do homem resulta em processos que transformarão seu espaço e, dessa forma, transformando também a própria ideologia que lhe orienta, uma vez que está é fruto de suas experiências subjetivas. Portanto, as ideologias são espaciais porque as ações que estas sugerem não modificam somente a sociedade, mas se espacializam, tornam-se “significados impressos nas paisagens”<sup>2</sup> (BERDOULAY, 1985, p. 209). Essa espacialidade das ideologias é ainda pouco explorada, podendo ser observadas em outros trabalhos como em Berdoulay e Paes (2008), Sotratti (2010) e Duarte Paes (2015). A ideia central nesses trabalhos é como a escolha de um certo conjunto de valores a serem destacados num espaço e o esforço de preservar naquele espaço dado conjunto de bens materiais, correspondente àqueles valores, resultam na manutenção de uma ideologia espacial daquela área. Percebamos aí que temos um conjunto de bens constitutivos da materialidade a ser preservada, mas o objetivo principal seria a manutenção do seu conjunto de valores, ou seja, o simbolismo. O objetivo então é

---

<sup>2</sup> “sens attribués aux paysages”



não a mudança ou manutenção das formas materiais, mas a estruturação de um conjunto de símbolos, à espacialização desse conjunto de símbolos que dão sentido às formas espaciais entenderemos como paisagem.

A paisagem é um conceito antigo e pela extensão de trabalhos que a abordem, muito polissêmico, porém, atualmente três principais correntes podem ser identificadas, a da Ecologia da Paisagem, a Paisagem dos Arquitetos e a Paisagem da Arte. A Ecologia da Paisagem é um campo que se desenvolve a partir da Biologia, portanto será forte o aspecto natural na paisagem e o homem será visto muito como elemento estranho que causa danos à Natureza. Nesse campo a paisagem será vista como um recorte espacial, uma categoria que permite ver o espaço de forma a integrar suas diferentes dimensões, inclusive o homem e a natureza, permitindo um estudo de forma sistêmica (VERDUM *et al.*, 2012). A paisagem dos arquitetos tem muitas semelhanças com a Ecologia da Paisagem, sobretudo a ênfase que se dá há relação homem-natureza, onde a presença de aspectos naturais visíveis (vegetação, água, rochas, etc.) é fundamental para a configuração da paisagem. Entretanto a origem do conceito para a arquitetura é bem diferente, com raízes na história da arte e não na biologia, o que dá valor ao espaço circunscrito, um recorte espacial que pode ser muito menor que o espaço sistêmico da ecologia. O jardim é a figura central na paisagem do arquiteto pois expressa mais diretamente a natureza num espaço do homem e de forma controlada, construído (VIEIRA, 2007). Na perspectiva da Arte o conceito de paisagem vem do enquadramento das pinturas, assim a ideia de recorte e da representação estão sempre presentes, com forte influência do aspecto visível. Essa paisagem seria pois uma forma de olhar o espaço (RIBEIRO, 2011).

A terceira abordagem, vinda da arte, seria a predominante no campo de estudo geográfico, tendo sido muito trabalhada pelos geógrafos como aquilo que está ao alcance da visão (SANTOS, 1996; SAUER, 1998), o que limita sua utilização e sobrevaloriza sua materialidade. Mesmo que por vezes se admita a manipulação dessa visão, ela ainda é tida como central (SOUZA, 2013). A Nova Geografia Cultural, ao criticar a geografia cultural empirista fundada por Sauer abre novas possibilidades teóricas para se trabalhar cultura e paisagem (DUNCAN, 2012). É a partir dessas possibilidades que Duncan (2004) busca se afastar do empirismo saueriano e trazer uma maior discussão teórica sobre o conceito de cultura, associando o campo da geografia a outras ciências. O autor concebe um conceito de paisagem como construção cultural da mente humana, mais do que a materialidade do espaço, a



paisagem será um sistema de significados fruto da percepção alcançada por todos os sentidos e influenciada também pelas diferentes pessoas com as quais uma pessoa se relaciona. Segundo Duncan (2004) também, o conjunto de elementos simbólicos da paisagem transmite um sistema de signos e uma ordem social às futuras gerações por meio de um conjunto material que lhe é próprio. Para ele esse sistema de signos pode ser visto como sistema de textos, definindo uma textualidade e que permite estudá-la a partir dos discursos que são criados para preenchê-la.

A partir da perspectiva de Duncan, Ribeiro (2011) entendeu que um mesmo espaço tornado paisagem poderia gerar narrativas diferentes, a partir do olhar particular que uma pessoa lançasse a ele e dos significados que destacasse. Em texto mais recente este vai além e coloca que a paisagem não é somente um significante, como ela própria é um significado:

*“Ao contrário de alguns autores da nova geografia cultural que afirmam que as paisagens possuem significados simbólicos, defendo que a paisagem é um significado simbólico. É o olhar, o sentir e a interpretação que transformam o espaço em paisagem. A paisagem não é o que se vê e o que se sente, mas como se vê e como se sente.”*  
(RIBEIRO, 2013, p. 252).

Essa perspectiva de paisagem nos aproxima muito do conceito de ideologia, a paisagem enquanto narrativa, fruto de um conjunto de discursos organizados em formar e transmitir um sentido, se assemelha muito à ideologia com seus referenciais ideológicos. Poderíamos assim colocar que esse referencial ideológico, que orienta formas de raciocinar, interpretar o espaço e agir nesse espaço, orienta também a construção dos discursos que formarão a retórica da narrativa da paisagem. Portanto a paisagem que fazemos de um lugar é decorrência também da ideologia espacial que temos desse lugar. No caso aqui abordado, a paisagem que se constrói sobre o bairro de Madureira está relacionada também à ideologia que define o *subúrbio carioca*, *i. e.*, o que é entendido como subúrbio na cidade do Rio de Janeiro. Enquanto o bairro de Madureira é observado como dentro do subúrbio carioca, ou seja, fração deste, é subordinado aos símbolos gerais que são construídos sobre o subúrbio e, dialeticamente, também os alimenta. De outra forma, quando o bairro é destacado e valorizado dentro do espaço suburbano, assumindo símbolos próprios e influenciando o desenrolar do que se entende como essa ideologia, este passa a assumir um papel de metonímia geográfica desse subúrbio.



O conceito de metonímia advém da linguística, onde um termo geral ou particular designa outro termo como simplificação, tal qual numa analogia. Segundo Maciel (2012, p. 27) uma metonímia geográfica seria, por exemplo, “quando se toma a imagem de um monumento ou aspecto natural para simbolizar uma cidade, (...) trata-se de uma busca de identidade (ou similitude) na infinidade de diferenças que constituem as outras cidades”. Da mesma forma que a metonímia geográfica pode contribuir para uma identidade do lugar, particularizando-o, pode também apelar para a generalidade do lugar, buscando nele o que há de semelhante com outros lugares. A metonímia, entretanto, se diferencia da simples metáfora por não ser uma comparação qualquer entre dois elementos ou objetos, mas uma substituição. Na metonímia um termo substitui ou outro, fundindo e resumindo seus significados, enquanto que na metáfora o objetivo é comparar somente uma ou outra característica entre os termos, não confundi-los. Para efeito deste trabalho a metonímia se constrói quando o bairro de Madureira é utilizado para simbolizar o espaço do subúrbio da cidade. Isto é, seus valores e símbolos, que seriam particulares, são generalizados a ponto de se transformarem símbolos não somente do bairro, mas de todo o subúrbio. Assim, Madureira e subúrbio são confundidos, o primeiro tomando o papel do segundo.

### **3 – Apresentação de caso**

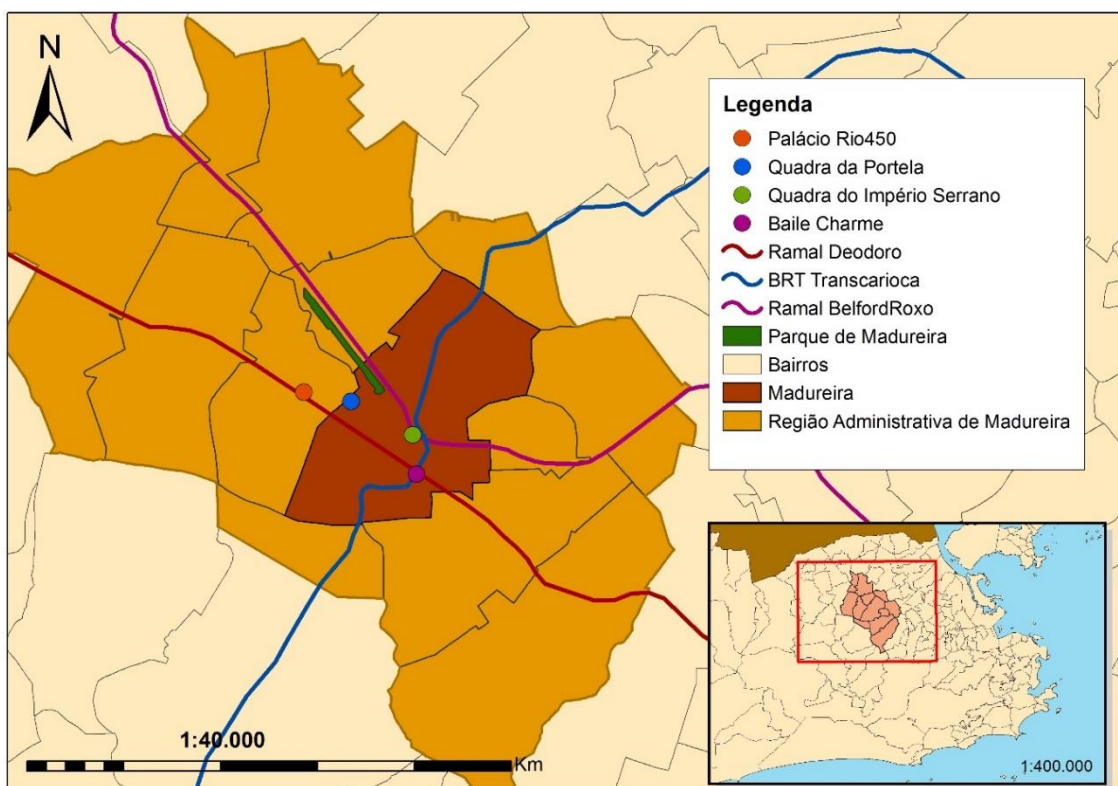
Madureira é um bairro antigo núcleo secundário sempre citado das obras de evolução urbana do Rio de Janeiro, exercendo forte atração nos bairros da Zona Norte, Oeste e cidades da Baixada Fluminense (CORRÊA, 1989; FERNANDES, 2011). Durante muito tempo o único centro de comércio e serviços da Zona Norte e Oeste, e ainda hoje o maior deles, Madureira por muito tempo exerceu também uma centralidade de opções de lazer para esses bairros. Fossem as opções limitadas, eram elas muito mais limitadas em outros bairros. Assim, para aqueles que moram na Zona Oeste ou na parte norte da Zona Norte, o bairro Madureira possui forte valor simbólico como centro urbano, lugar de passeio, festas e compras.





Intervenções urbanas municipais não foram exclusividade da última administração municipal, com Eduardo Paes. Mas o que se coloca aqui é que a concentração dessas obras espacialmente e em um curto período de tempo, associada à uma estratégia retórica, buscaram requalificar o capital simbólico do bairro. No Mapa 1 podemos ver a concentração das intervenções citadas aqui, assim como demais pontos notáveis do bairro. Nessa transformação a imagem do bairro passa também, pela metonímia, a simbolizar o que seria subúrbio no Rio de Janeiro, um processo de redução narrativa, tal como visto em Berboulay e Paes (2008).

### Mapa 1- Intervenções Municipais e Pontos Notáveis de Madureira (RJ)



Fonte: elaborado pelo autor

Como colocado anteriormente, as ações da Prefeitura podem ser observadas em duas tendências complementares. Na tendência de modernização, o bairro recebeu a linha do BRT Transcarioca e foi escolhido para receber um novo parque municipal: o Parque Madureira, a maior área de lazer construída na cidade desde 1965. Dentre as justificativas para a escolha do bairro para a construção do parque estão o alto índice de povoamento e de pavimentação da cidade, figurando como um bairro com alta carência de áreas verdes e de lazer (REZENDE, 2013). É interessante



observar como o Parque vai servir também como uma estratégia de preservação do que seria o “patrimônio histórico” do bairro, desde o projeto, ao selecionar e indicar alguns valores a serem protegidos, tal como a tradição das duas agremiações de samba do bairro simbolizadas no palco da Praça do Samba. Principalmente pela questão do samba e das agremiações locais, o bairro tem sido alvo de muitos eventos públicos e figura constantemente na mídia, suscitando inclusive reportagens sobre a história e patrimônio do bairro.

Também durante a gestão Eduardo Paes foi lançado na cidade um projeto de restauração e reforma de quadras de escolas de samba. Em Madureira foi reformada a quadra da Portela, no ano de 2012, sendo inclusive construído um simulacro de casarios sobradados cariocas tal como no início do século XX.

Expressando talvez mais diretamente as expectativas que a Prefeitura Municipal almejava para o bairro e adjacências foi construído no local o Palácio Rio450<sup>3</sup>, nova filial administrativa, inaugurado com festa e bateria de escola de samba. Essa é uma das três bases administrativas da Prefeitura, dividindo espaço somente com a sede da Prefeitura, na Cidade Nova, e com o Palácio da Cidade, em Botafogo. O Palácio corresponde não somente aos investimentos em mobiliário urbano realizado, mas às propagandas que a Prefeitura e demais empresas realizaram no bairro, replicando e divulgando imagens sobre este. Até no momento de vitória eleitoral o prefeito Eduardo Paes, por duas vezes, escolheu comemorar no bairro, agradecendo não somente os votos dos bairros circundantes, mas também apontando para o simbolismo que o bairro possui de ser popular. De forma que, a figura do Prefeito nos braços da multidão em Madureira, foi replicada em todos os jornais, destacando não somente o bairro, mas a imagem de conexão com as camadas populares que esta gestão da prefeitura buscava valorizar.

#### **4 – Considerações Finais**

O que se observa, portanto, é que existiram várias estratégias da Prefeitura que promoveram física e simbolicamente Madureira como um bairro de destaque na cidade durante a gestão Eduardo Paes. Sua valorização como espaço preferido para intervenções urbanas públicas aparentemente tem sido também resultado da escolha de uma certa forma de observar o popular, o pobre e/ou subúrbio no Rio de Janeiro.

---

<sup>3</sup> Na prática a sede fica no bairro vizinho de Oswaldo Cruz.



Dentre os vários bairros que ocupam esse espaço de suburbano no imaginário carioca, foi Madureira o escolhido pela gestão Eduardo Paes como objeto de valorização. De outra forma, é possível dizer, que Madureira foi tomado enquanto uma metonímia geográfica do que é subúrbio no Rio de Janeiro, ou seja, uma fração desse espaço que foi impulsionada de outras cargas de valor, tendo tido seus símbolos próprios destacados e fundidos aos do subúrbio carioca, e estaria agora representando todo o espaço e os valores tidos como suburbanos.

Falar de subúrbio em si no Rio de Janeiro é complicado, sendo um conceito de múltiplas acepções acadêmicas e populares. O que aponta a carga simbólica que o conceito carrega, permitindo interpretá-lo como uma ideologia espacial no contexto carioca, *i. e.*, um conjunto de valores e significados que faz o carioca interpretar sua própria cidade. Permite-nos também questionar como a valorização de Madureira e de seus símbolos pode transformar a forma pela qual o carioca observa sua cidade.

Resta, portanto, conferir como essas intervenções e alterações no conjunto material se relacionaram com o conjunto simbólico, provocando essas mudanças na ideologia espacial de subúrbio. Quais elementos e valores o poder público mobilizou em Madureira para fazer uma representação do subúrbio carioca? Quais os dispositivos/ações utilizados para a transformação da paisagem de Madureira, simbólica e materialmente? Isto é, ainda há questões centrais a procurar no cerne das ações da prefeitura e, sobretudo, analisar e discriminar os discursos utilizados.

## 5 – Referências Bibliográficas

- BERDOULAY, V. Espaço e Cultura. In: GOMES, P. C. DA C.; CASTRO, I. E.; CORRÊA, R. L. (Org.). . *Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 101–131.
- BERDOULAY, V. Les idéologies comme phénomènes géographiques. *Cahiers de Géographie du Québec*, v. 29, n. 77, p. 205–216, 1985.
- BEURDOLAY, V.; PAES, M. T. D. IMAGEM E PATRIMONIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO: SALVADOR (BAHIA) E BORDEAUX EM PERSPECTIVA. *Cidades*, v. 5, n. 7, 2008. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/593>>. Acesso em: 18 abr. 2017.
- CORRÊA, R. L. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1989.
- DUNCAN, J. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). . *Paisagem, Textos e Identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 91–132.



- DUNCAN, J. Após a Guerra Civil: reconstruindo a geografia cultural como heterotopia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). . *Geografia Cultural - Uma Antologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. v. 1. p. 153–164.
- FERNANDES, N. DA N. *O rapto ideológico da categoria de subúrbio: Rio de Janeiro 1858-1945*. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- MACIEL, C. A. A. A geografia política da paisagem: imagens, narrativas e sensibilidades culturais em disputa no espaço público recifense. In: MACIEL, C. A. A.; GONÇALVES, C. U.; PEREIRA, M. C. DE B. (Org.). . *Abordagens geográficas do urbano e do agrário*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012. .
- MORAES, A. C. R. *Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil*. 5. ed ed. São Paulo: Annablume, 2005. (Geografias).
- PAES, T. As cidades coloniais brasileiras – Ideologias espaciais, valores histórico, urbanístico e cultural. *GEOgraphia*, v. 17, n. 33, p. 41–68, 16 jul. 2015.
- REZENDE, R. *Parque Madureira. Instituto de Arquitetos do Brasil*. [S.l: s.n.]. Disponível em: <<http://www.iab.org.br/projetos/parque-madureira>>. , 2013
- RIBEIRO, R. W. Paisagem, Patrimônio e Democracia: novos desafios para as políticas públicas. In: RODRIGUES, J. N.; CASTRO, I. E. DE; RIBEIRO, R. W. *Espaços da Democracia: para a agenda de Geografia Política Contemporânea*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. .
- RIBEIRO, R. W. Possibilidades e limites da categoria de paisagem cultural para a formação de políticas de patrimônio. In: CUREAU, S.; AKEMI, S.; SOARES, I. V. P. (Org.). . *Olhar multidisciplinar sobre a efetividade da proteção do patrimônio cultural*. Belo Horizonte: Fórum, 2011. p. 254–267.
- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo - razão e emoção*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). . *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12–74.
- SOTRATTI, M. A. *Imagem e Patrimônio Cultural: as Ideologias Espaciais da Promoção Turística Internacional do Brasil – EMBRATUR 2003-2010*. 2010. 253 f. Unicamp, Campinas, 2010.
- SOUZA, M. J. L. *Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-Espacial*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- VERDUM, R. *et al.* (Org.). *Paisagem: leituras, significados transformações*. 1a edição ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. (Série Estudos rurais).
- VIEIRA, M. E. M. *O Jardim e a paisagem: espaço, arte, lugar*. São Paulo: Annablume, 2007.
- VINCENT, A. *Ideologias políticas modernas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.